

Minhas Milhares

Ana Maria Vasconcelos¹

Agora são 9:55 e eu ouço as pessoas vivendo.

Eu sei que naquele prédio uma mulher calça sapatos de ponta quadrada, desajeitada, segurando uma pasta marrom. Minha mulher marrom-trabalho. Pensa que é forte, ela. Isso me comove.

No andar de baixo outra mulher confere a brancura do uniforme do filho (também isso não é trabalho?), o filho que irá calçar 42 e falar obviedades no ouvido das meninas que levará para o apartamento (sim, ele terá um apartamento só dele, a mãe será reduzida a uma visita de domingo, a ordem natural das coisas: mulheres substituindo mulheres), meninas frívolas que se tornarão mulheres que trabalham e não sabem o que isso significa.

Ainda são 9:55, tempo é relativo. Eu estou muda e continuo ouvindo.

Minha vizinha agora se masturba com a TV ligada para que não ouçam os indícios do pecado que é uma mulher sentindo prazer, ainda mais prazer solitário. Ah, sim, quase solitário – há a cúmplice: a TV. O barulho da TV é propaganda de funerária. Hum. Propício.

No quarto ao fim do corredor, a irmã mais velha – que em vez da TV usa o rádio – se pergunta por que diabos o homem não a aceita de vez. Ora, ela já tem dois sisos, chave de casa e quadris largos. Falta o quê? Como é particularmente terna a burrice de pensar-se gente aos quinze anos. E aos vinte. E aos quarenta e sete.

– Tenho duas meninas adolescentes, diz a mãe, o orgulho estampado no rosto de esposa traída. São maravilhosas.

Mãe é tudo burra.

Mas eu não estou em casa, estou no colégio. Num corredor iluminado demais para o meu gosto. Na sala ao lado a professora de geografia fala sobre a situação da Etiópia. Duas alunas escutam os percentuais da miséria com horror no rosto. Hipocritinhas. Agora vão ficar chocadíssimas pensando na magreza que não desfila em vez de olharem para a própria calçada. Fome na África é mais importante que fome na favela-ali-embaixo? Leite ralo é leite ralo, não importa onde.

¹ Mestranda em Literatura Portuguesa pela UFRJ. Email: ana.hiatus@gmail.com.

Do outro lado da rua há uma menina cor de cinzas precisando de bondade. Isso não existe, meu bem, você vai ter que ir à luta (quantas formas – cruéis – existem de trabalho?) ou isso, ou migalhas e pena para o resto da vida curta de passarinho preso. Alguém dirá isso a ela enquanto é tempo? A resposta é óbvia.

Agora a menina correu para outro sinal, mas a rua continua aqui, suportando as pessoas e o resto. Terra deve ser a coisa mais forte do mundo. Por isso no feminino: a terra.

Agora ainda são 9:55 e o tempo só vai andar depois que eu te vir. Aí, sim, dez horas da manhã. E eu vou me levantar, os olhos vagos e sujos de amor, vou me apoiar nos meus pés e ter noção de mim. Vou pensar em todas as mulheres do mundo e escolher um destino. E te contar também a minha história. Porque sou feita de alguma substância que só existe no calor das palavras. No feminino: *as palavras*.